

## **A RUA DAS COISAS HUMILDES<sup>1</sup>: ESTUDOS ETNOGRÁFICO SOBRE CULTURA MATERIAL DOS VENDEDORES AMBULANTES EM RIO GRANDE - RS**

**COUTO, Fernanda; MÜLLER, Nilo; DOMINGUES, Verônica; SILVA, André.  
SILVA, Adriana Fraga da (orientador)  
fernandacoutoarq@gmail.com**

**Evento: Congresso de Iniciação Científica  
Área do conhecimento: Sociais e Humanidades**

**Palavras-chave:** cultura material; ambulante; etnografia.

### **1 INTRODUÇÃO**

Segundo Rocha e Eckert, a etnografia de rua oferece ao pesquisador “o desafio de ‘experenciar’ a ambiência das cidades como a de uma morada de ruas cujos caminhos, ruídos, cheiros e cores a percorrer sugerem, sem cessar, direções e sentidos desenhados pelo próprio movimento dos pedestres e dos carros que nos conduzem a certos lugares, cenários, paisagens, em detrimento de outros. Deslocamentos marcados por uma forma de apropriação dinâmica na vida cidadina, mas cuja apreensão pauta-se pela frequência sistemática do etnógrafo a uma rua, ou uma avenida, um bairro ou uma esquina, etc. Nesse sentido, a etnografia “na” rua consiste no desenvolvimento da observação sistemática de uma rua ou das ruas de um bairro e na descrição etnográfica dos cenários em diários de campo, na construção dos personagens que conformam a rotina na rua e no bairro, nos imprevistos, nas situações de constrangimento e conflito, em entrevistas com *habitués* e moradores, buscando as significações sobre o viver o dia a dia na cidade” (p.23 e 24).

Partindo dessas considerações, escolhi uma determinada área da cidade para realizar o trabalho etnográfico. Na qual há concentração de vendedores ambulantes. Os quais o principal objeto desta pesquisa. Tratando-se de um projeto de pesquisa etnográfica “não é usual este contemplar hipóteses iniciais de pesquisa, uma vez que estas emergem à medida que a investigação avança no universo pesquisado”.(p. 54) Então, apresentarei aqui apenas algumas questões iniciais que permeiam a minha proposta de trabalho, são elas: como é a organização do espaço entre eles, por ser um trabalho informal e em um espaço público, suponho que haja algumas regras de organização entre eles, em que cada um tenha o seu lugar certo, as chamadas “microrredes” que visavam alcançar proteção em face a um ambiente hostil (pelas adversidades da rua e crises) e competitivo; a relação com o território, e como são as suas estratégias para enfrentar as intempéries.

Dentre questões e objetivos mais gerais há alguns mais específicos que direcionam a pesquisa, são eles: observar e compreender alguns aspectos da prática cotidiana de vender e comprar “na rua”; a relação vendedor/comprador; a diversidade dos produtos oferecidos como vestuário, brinquedos, bijuterias, produtos artesanais, etc.; adaptação a ele relacionada às vendas (por exemplo, se faz frio tem meias quentes, touca, luva, chapéus, etc., se vai chover tem guarda chuva, entre outros); e como lida com a questão da informalidade.

---

<sup>1</sup> Título inspirado pela teoria proposta por Daniel Miller, a “Humildade das coisas”. Título provisório.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Os autores principais da pesquisa são:

Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert, as quais em suas publicações fornecem conceitos, práticas metodológicas, estudos de casos, etc. sobre a etnografia, principalmente urbana e visual. Dando ao leitor ferramentas para a compreensão do seu universo de pesquisa cidadão.

Daniel Miller, esse autor ainda não muito conhecido no Brasil. Miller é um grande estudioso da cultura material. Em um de seus livros ele lança uma nova teoria, a qual chamou “a humildade das coisas”. Através dela sugere que as coisas tornam-se mais importantes e influenciáveis nas nossas vidas por serem “invisíveis”. Elas estão presentes em nosso cotidiano, mas ninguém pensa sobre as mesmas.

E, Rosana Pinheiro-Machado, utilizo para elucidar aspectos do comércio informal de ambulantes e camelôs.

## **3 MATERIAIS E MÉTODOS (ou PROCEDIMENTO METODOLÓGICO)**

Em primeiro plano devo mencionar a etnografia. A pesquisa etnográfica se dá através da convivência com o grupo estudado, pelo exercício de olhar (ver) e escutar (ouvir) (ROCHA; ECKERT, p. 54), neste caso ao estudar um grupo urbano da cidade em que nasci e moro, devo fazer o exercício de tornar o familiar - aparentemente conhecido – em estranho (MAGNANI, 1993). E, segundo Rocha e Eckert, a observação direta é a técnica mais apropriada para levantamento de dados, “ela comporta perceber contrastes sociais, culturais e históricos.” (p.55)

E, a escuta atenta, segundo Rocha e Eckert “a inserção no contexto social objetivado pelo (a) pesquisador (a) para o desenvolvimento do seu tema de pesquisa o (a) aproxima cada vez mais dos indivíduos, dos grupos sociais que pertencem a seu universo de pesquisa. Junto a essas pessoas, o (a) pesquisador (a) tece uma comunicação densa, orientada pelas intenções de seu projeto.” (p. 59) A escuta atenta permite descobrir e entender o Outro de uma forma dinâmica. Pois não utiliza-se um questionário com perguntas e respostas diretas.

## **4 RESULTADOS e DISCUSSÃO**

A referida pesquisa ainda encontra-se em andamento. Os resultados atuais concentram-se em discussões teóricas e conceituais.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A proposta de trabalho aqui apresentada é fruto de uma pesquisa para conclusão do curso Bacharelado em Arqueologia.

## **REFERÊNCIAS**

MAGNANI, J. G. “A rua e a evolução da sociabilidade”. In: *Cadernos de História de São Paulo* 2. jan/dez 1993, Museu Paulista – USP.

MILLER, D. *Trecos, troços e coisas. Estudos antropológicos sobre cultura material*. Brasil: Jorge Zahar Editor Ltda., 2013

PINHEIRO-MACHADO, R. Anos de pedra: etnografia de um camelódromo. In: *Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. *Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana*. Porto Alegre: Marcavizual, 2013.